

MIA COUTO: O PENSAGEIRO

IRINA MIGLIARI*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 23 ago. 2018. Aprovado em: 4 set. 2019.

Como citar este artigo: MIGLIARI, I. Mia Couto: o pensageiro. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 18, n. 3, p. 235-248, 2018. doi:10.5935/cadernosletras.v18n3p235-248

Resumo

O presente artigo contempla a trajetória do escritor moçambicano Mia Couto, os aspectos históricos por ele dissertados e utilizados como referências às suas obras de poesia, como a colonização de seu país e o uso da língua portuguesa, e as metáforas escolhidas para tratar de elementos da vida e da morte, de maneira a compreender o *efêmero*. A partir dessa breve leitura, discorrer-se-á sobre as nuances do gênero poesia em relação à sua importância não apenas no país africano, mas também em sua amplitude. Utilizar-se-á autores como Bosi (2004), Rios (2007), Hanna (2015), Leite (2013) e Eliade (2013) para debater sobre essas temáticas.

Palavras-chave

Mia Couto. Poesia. Efêmero.

* E-mail: ninadef@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-4179-1107>

INTRODUÇÃO

Durante o período colonial (1505-1975) em Moçambique, no âmbito da literatura, o gênero mais praticado foi a poesia. Diversas razões explicam essa tendência; entre elas, e talvez a mais relevante, está o fato de que as raízes populares da poesia abrem espaço para um grupo de leitores de outras camadas sociais que não apenas a elite. Ademais, a poesia é um gênero insidioso e, portanto, ilude a censura com mais facilidade e é de fácil publicação em jornais e revistas.

Alguns poetas moçambicanos, como José Craveirinha (1922-2003), Noémia de Sousa (1926-2002) e Mia Couto (1955-), destacam-se sobretudo em relação aos estudos das literaturas pós-coloniais, termo bastante utilizado ao tratar das literaturas africanas. A expressão “pós-colonialismo” surgiu após o fim da Segunda Guerra Mundial e foi largamente empregada por historiadores para designar os países recém-independentes considerados em um sentido mais cronológico (LEITE, 2013). A partir dos anos 1970, o termo passou a ser incorporado por outros intelectuais para discutir os efeitos culturais da colonização e a ser entendido como uma estratégia discursiva, em especial das literaturas que surgem em um contexto marcado pela colonização europeia.

O termo “lusofonia”, por sua vez, engloba aspectos da identidade dos países colonizados por Portugal e que, portanto, têm o português como língua oficial. No caso de Moçambique, o português como primeira língua não é uma realidade de todos os habitantes; o português moçambicanizado é um agente de manifestação da cultura africana. Uma das tendências do uso da língua portuguesa no país é representada pelo escritor Mia Couto, por exemplo, que reproduz as falas cotidianas de forma poética, recria e reinventa a linguagem (LEITE, 2013).

Mia Couto inicia sua carreira de escritor em 1969 com a poesia, poucos anos antes da independência de Moçambique. Suas publicações eram divulgadas no jornal *Notícias da Beira*, veículo em que, mais tarde, passou a enveredar sua carreira de jornalista. A respeito da língua oficial do país, o poeta diz que há uma ironia no empréstimo da língua do colonizador, uma vez que seu uso nega o passado colonial e poucos moçambicanos a têm adotado como língua materna nos últimos 30 anos.

Em contrapartida, o português moçambicano é, também, uma forma de registrar a história do país e divulgar as injustiças e atrocidades marcadas

pelo período colonial (seguido por uma guerra civil) no país, como se pode perceber em “Lição” (194-?), de Noémia de Sousa (2016, p. 69): “[...] E então, uma vez, inocentemente,/ olhou para um Homem e disse: ‘Irmão...’/ Mas o Homem pálido fulminou-o duramente/ com seus olhos cheios de ódio/ e respondeu-lhe: ‘Negro’” .

É possível identificar na poesia e, em especial, na prosa do escritor a preocupação em contestar e questionar a realidade de Moçambique. O autor resgata a história, discute a política e testemunha o cotidiano ao mesmo tempo que dialoga com as raízes da cultura africana e sua espiritualidade, servindo, conforme mencionado anteriormente, de agente transmissor das identidades africanas para o mundo.

O *sagrado*, umas das formas do *efêmero*, explica Eliade (2013, p. 17), é a “mais elementar *hierofania*” consagrada à própria vida e condição humana. Sendo assim, refletir-se-á a respeito da concepção do *efêmero* em diálogo com tempos e espaços, a fim de contemplar uma leitura da constituição do sujeito poético e sua relação com o mundo. A jornada poética de Mia Couto gira em torno dos mistérios da vida e da morte que se desdobram em ricas percepções sobre a existência, a condição humana e a sua transitoriedade. O termo *efêmero* é de origem grega e significa “apenas por um dia”. Em geral, é utilizado para descrever tudo que tem caráter passageiro, transitório e de curta duração.

Em “Identidade” (1977), além da alusão à militância político-social num cenário pós-colonialista, o poeta dialoga com a concepção da identidade que se dá a partir da percepção de que não *se pode ser o mesmo sempre*; passado, presente e futuro compõem a identidade do ser humano, são transitórios e, portanto, impermanentes:

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta

[...]

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato
 morro
 no mundo por que luto
 nasço
 (COUTO, 2009, p. 13).

A contextualização de um poema envolve o diálogo com imagens e pensamentos de uma trama em que o eu lírico está inserido e que vive ora “experiências novas, ora lembranças da infância, ora valores tradicionais, ora anseios de mudança, ora suspensão desoladora de crenças e esperanças” (BOSI, 2004, p. 13). É possível perceber em Mia Couto o trabalho da construção imagética do poema a partir dos anseios de mudança, que são explorados de maneira suave e harmoniosa, ou seja, as emoções que, delicadamente, “tomam corpo na figura construída do poema” (p. 14).

Percebe-se, também, que o sujeito poético é um ser que compreende a vida a partir da ação de compor poesia, utilizando-se de metáforas, como *escrever* e *cantar* a vida: “sou/ apenas um tradutor de silêncios/ a vida/ tatuou-me nos olhos/ janelas/ em que me transcrevo e apago [...]” (COUTO, 2009, p. 60). O eu lírico traduz os silêncios dos acontecimentos da vida por meio das palavras que compõem o poema. O trabalho do poeta reconhece a natureza da percepção dos sentimentos e das emoções de viver e transmiti-las ao leitor mediante a escrita.

Embora Mello e Utéza, em *Oriente e Ocidente na poesia de Cecília Meireles*, tratem sobre a poesia de outro poeta, elas atestam que o eu lírico entende as circunstâncias existenciais, transmitem-nas por meio de seus versos e sentem-nas com leveza, o que pode ser representado pelo canto e pela ação de ser poeta ou escrever, conceito que também se aplica à poética do escritor moçambicano:

O canto é, na relação do Eu com o mundo, o resultado “do choque” entre as aspirações pessoais sobre a forma de viver e as forças que a elas se opõem, ou seja, as circunstâncias existenciais, próprias da forma de constituição da sociedade humana em que o artista está inserido, as quais solapam a harmonia entre os seres. Neste sentido, a poesia é o resultado de um conflito profundo do ser humano com a vida, transmutando em versos, que representam a tentativa de reencontrar a harmonia e beleza perdidas, associadas a uma vocação para o canto [...] (MELLO; UTÉZA, 2006, p. 140-141).

Com relação à narrativa de Mia Couto, Castello (2016, p. 11-12, grifo nosso) afirma que seus poemas são um desmascaramento do eu, a “[...] germinação de nossa história e de nossa identidade. [...] e são, antes de tudo, reflexivos e filosóficos”. Pode-se perceber, então, que em largas ocasiões o poeta utiliza metaforicamente o *ser poeta* ou o *escrever e cantar* para explicitar o cotidiano da vida que se alterna entre contentamentos e tristezas: o cotidiano traz vivências de mortes diárias.

A poesia, gênero propício a uma investigação interior, concede ao poeta a possibilidade de compartilhar com seus leitores caminhos que podem ser encontrados para lidar com os acontecimentos da vida que ocasionam, muitas vezes, dores e traumas. Uma das raízes do conflito com a vida é a impermanência, temática dissertada com profundidade não só pelos poetas em geral, como também por aquele aqui apresentado. Mia Couto dialoga com a temática do ser e sua incompreensível dor de existir. Sua poesia encontra, entre as vicissitudes da vida, a beleza de viver nesse mundo (CASTELLO, 2016).

Em um mundo no qual reinam o imediatismo e a busca pela felicidade por meio da posse de bens e das relações genéricas,

[...] as necessidades mais profundas do ser humano, que podem ser sintetizadas pela busca do amor, da beleza, da harmonia e da espiritualidade, ficam comprometidas e até radicalmente frustradas. Percebida a realidade desse modo, a atitude decorrente deveria levar a um desencanto definitivo em relação à vida. Contudo, Cecília Meireles [Mia Couto, nesse estudo] supera esta tendência, pela compreensão de que ela não se esgota em sua manifestação na realidade terrena, e, sentindo-se integrada na harmonia do Universo, adia para um outro momento a satisfação das necessidades mais profundas, que não têm respostas na sociedade. Nesse sentido, pode-se dizer que a sua poesia é um encontro com a Vida, cuja Unidade, eterna e indestrutível, supera a ilusão de multiplicidade e finitude (MELLO; UTÉZA, 2006, p. 146, grifo nosso).

Essa citação, embora pertença à crítica da obra de Cecília Meireles, pode ser representativa, também, à obra de Mia Couto. A delicadeza com que o poeta trata do ser humano em relação às emoções diante da vida é incontestável. Couto oferece aos seus leitores uma maneira mais suave e gentil de lidar com questões como a transitoriedade e os acontecimentos que implicam dores de viver.

O PENSAGEIRO

Antônio Emílio Leite Couto, conhecido como Mia Couto, nasceu em 1955, na Beira, Moçambique, e é filho de emigrantes portugueses. Estreia sua carreira como escritor aos 14 anos, com a publicação de seus primeiros poemas no jornal *Notícias da Beira*; escreve, posteriormente, contos e romances, gêneros pelos quais passa a ser reconhecido como escritor. É, também, biólogo e professor e atuou como jornalista de 1974 a 1985, ocupando o cargo de diretor da Agência de Informação de Moçambique (AIM) em 1976.

A carreira de jornalista permitiu ao poeta, embora não exclusivamente, vivências que compõem a história de seu país e que fazem parte daquilo que Mia Couto é como escritor. Essas experiências, que a carreira de jornalista lhe concedeu, repercutem em sua obra, seja por meio da poesia, seja por meio da prosa.

De acordo com Carvalho (2015, p. 84, grifo nosso),

[...] o conhecimento nas áreas da língua portuguesa, língua africana e botânica, associado à prática de jornalista, *permitiu-lhe* obter grande expressividade, por meio da qual comunica aos leitores todo o drama da vida em seu país de origem [...].

Essa expressão se inicia com a publicação de *Raiz de orvalho*, em 1983, e, mais tarde, irá repercutir também em sua prosa. A respeito da influência do jornalismo na sua escrita, o próprio autor conta:

Quando me interrogo se essa passagem de catorze anos pelo jornalismo comporta comigo alguma desilusão ou desencanto, concluo que não. Pelo contrário, foi uma possibilidade dificilmente atingível noutras condições e noutros países de poder assumir essa diversidade que sinto em mim, tal como existe em cada pessoa (COUTO apud CARVALHO, 2015, p. 83).

Como escritor, o poeta foi o primeiro autor africano a ganhar o Prêmio União Latino de Literaturas Românicas, em 2007. Recebeu, também, no mesmo ano, o prêmio Zaffari & Bourbon de Literatura, na Jornada Nacional de Literatura da Universidade de Passo Fundo (UPF), pelo seu livro *O outro pé da sereia* (2006). Em 2013, foi vencedor do prestigiado prêmio da língua portuguesa, o Prêmio Camões de Literatura. Ademais, Mia Couto é correspondente da Academia Brasileira de Letras.

A respeito de ser escritor, o poeta diz que é preciso questionar os limites da razão e subverter os próprios critérios que definem o que é correto. Os escritores moçambicanos, em especial, cumprem um papel de ordem ética ao pensar Moçambique e sonhar outro Moçambique. O país, que é profundamente dividido entre universos culturais e sociais variados até hoje, necessita do nascimento de uma outra pátria que não exista sob condições de fronteiras. A poesia surge, para o autor, como “um socorro para criar *uma* ponte entre dois mundos aparentemente distantes” (COUTO, 2009, p. 116, grifo nosso).

[...] o escritor é um ser que deve estar aberto a viajar por outras experiências, outras culturas, outras vidas. Deve estar disponível para se negar a si mesmo. Porque só assim ele viaja entre identidades. E é isso o que um escritor é – um viajante de identidades, um contrabandista de almas. Não há escritor que não partilhe dessa condição: uma criatura de fronteira, alguém que vive junto à janela, essa janela que se abre para os territórios da interioridade (COUTO, 2005, p. 59).

Para Mia Couto, a arte da escrita e da biologia caminham juntas e são complementares. Enquanto a ciência vive da inquietação e do desejo de ir para além dos limites, a escrita é uma quietude falsa e permite a sensação de estar sem limites. Ambas se encontram na recusa de fronteiras: “são um passo sonhado para lá do horizonte” (COUTO apud FENSKE, 2015). Mais do que isso, a biologia e a escrita desafiam os fundamentos dos pensamentos e produzem o sentimento de encantamento.

Esse sentimento de encantamento pode ser percebido desde *Raiz de orvalho e outros poemas* (1983) e permeia toda a sua obra. O trabalho minucioso com a linguagem, ainda que simples, na busca por recriar e reinventar a língua portuguesa, conta, também, com um léxico resultante de diversas regiões do país, valorizando, assim, a língua e cultura africanas. Em “Desencontro (2)” (1981), por exemplo, percebe-se essa ocorrência por meio do uso da palavra *timbila*:¹ “[...] Para me acostumar/ à tua intermitente ausência/ ensinei às timbilas/ a espera do silêncio” (COUTO, 2009, p. 21).

Além disso, o poeta demonstra preocupação e habilidade em se posicionar e questionar a realidade histórica e política de Moçambique nos períodos colonial e pós-colonial. Conforme mencionado na introdução deste artigo, a

¹ De acordo com o dicionário Priberam, *timbila* é uma palavra de origem chope, língua falada no sul de Moçambique, e se refere a um instrumento musical de percussão.

poesia é um gênero indicioso e de boa recepção e, por meio dela, é possível expressar e contestar a crueza da realidade, dentre os vários temas que podem ser nela tratados. No caso do questionamento dos vestígios do período colonial, o poema “Eles” (1979) traz uma grande reflexão:

Desde que chegaram
ficou sem repouso a baioneta
e os chicotes tornaram-se
atentos e sem desleixo

Lançaram fogo
à dolorida geografia
esquartejaram montanhas
secaram fontes e rios
na memória dos seus crimes
se anichou a seta da vingança

Trouxeram-nos a luta
sem trégua
e da carne do vencido,
durante séculos,
fizeram silêncio e cinza

Na esperança que nos restava
escavaram um cego labirinto
instalaram pontual humilhação
para que os nossos sonhos
não tivessem residência
e para que não déssemos conta
de que havíamos nascido
os nossos nomes nos retiraram

Quanto tempo demorou esse tempo
quantas palavras sepultámos nesse silêncio
em quantos bares se esfumou a nossa
revolta
em quantos planetas sem luz
tivemos que esperar por uma bandeira?
nós éramos tribo
[...]

Colocámos o sonho no arco
e dele fizemos flecha certa
e transportámo-nos no vento
como se fôssemos a semente derradeira

Para sermos homens
desocupamos o silêncio
e com um firmamento de esperança
cobrimos o rosto ferido da nossa Pátria
(COUTO, 2009, p. 32-34).

Para Mia Couto, toda a literatura tem dois temas: a viagem e a morte. Na cultura africana, no entanto, os mortos não morrem, vagueiam por outra dimensão e produzem vida aos viventes na terra (COUTO apud RIOS, 2007). Essa ocorrência pode ser verificada na obra *O outro pé da sereia* (2006), devido ao resgate do valor do mito por meio da metáfora da deusa das águas (CARVALHO, 2015).

A viagem, seja ela geográfica, seja literária, é uma viagem de identidades. A viagem geográfica concede uma leitura do mundo; a literária, por sua vez, confere a oportunidade de sonhar. Ambas contam histórias que, segundo o poeta, são as histórias percebidas no cotidiano que conduzem a sua escrita:

O que me inspira é a vida enquanto produtora de personagens, de desencontros. Sobretudo, eu escrevo a partir de personagens e esses personagens eu capto no meu cotidiano, na rua, são situações que eu vivo e são esses personagens que pois me ditam histórias. É como se eu percebesse que o mais importante não é encontrar pessoas, mas encontrar essas histórias, sendo que essas histórias quem constrói as pessoas. A vida é assim, não é só a literatura (COUTO, 2012).

De acordo com Hanna (2015, p. 494-495, grifo nosso), assuntos que envolvem a localidade, a língua e a identidade

[...] podem ser *percebidos* no dia a dia de uma só pessoa por meio das práticas do cotidiano em narrativas – ao textualizar o cotidiano, subentende-se a noção de que as ações diárias não encerram uma história única, mas existem em múltiplas histórias.

Mia Couto é o escritor “pensageiro”: viajante que reflete sobre o ser humano e os acontecimentos da vida.

Em julho de 1981, o poeta escreve uma carta a seu filho em que reflete sobre o significado da luta e da água. Menciona que a vida se desdobra como as ondas do mar, que mesmo quando desfeitas, se renovam, prolongando-se no

movimento eterno dos homens que lutam e constroem por amor aos outros que nem sequer conhecem, e que há, em cada coisa transformada, uma gota de sangue resultante da luta, mesmo que essa luta tenha sido apenas interior. Percebe-se que essa concepção a que se pode chamar de construção de caráter e identidade, irá transitar por sua obra poética, como em “(Escre)ver-me” (1985): “[...] sou/ um soldado/ que se apaixona/ pelo inimigo que vai matar” (COUTO, 2009, p. 60).

IDENTIDADES TRANSITÓRIAS

Embora Mia Couto utilize-se, muitas vezes, de elementos da natureza como metáforas da vida e da morte, do *efêmero* e do eterno, como pássaros, árvores, orvalho e o próprio mar e a água,² no poema selecionado para este estudo não se verifica essa ocorrência. Na poesia do autor, a natureza e os animais estão impregnados por uma natureza anímica, geralmente devido ao fato de o escritor moçambicano possuir uma conexão mais direta com a cultura do seu país.

No caso de “Manhã” (1979), o eu lírico dialoga com o tempo e com o espaço a partir da relação consigo mesmo entre a vida e a morte:

Estou
e num breve instante
sinto tudo
sinto-me tudo

Deito-me no meu corpo
e despeço-me de mim
para me encontrar
no próximo olhar

Ausento-me da morte
não quero nada
eu sou tudo
respiro-me até à exaustão

2 Essas ocorrências podem ser encontradas nos poemas “Identidade” (1977), “Trajeto” (1980), “Primeira palavra” (1980), “Despedida” (1977), entre outros, da obra *Raiz de orvalho e outros poemas* (2009).

de maneira suave e plena, quando houver a compreensão de que a morte chega para todos, de que a vida é *efêmera*. A metáfora dos “lábios” pode ser compreendida como o fim da linguagem, o fim da discursividade, e, portanto, o fim da vida. Em Mia Couto, a linguagem é um fator bastante importante. A respeito da linguagem, o poeta diz: “nascemos e morremos naquilo que falamos, estamos condenados à linguagem mesmo depois de perdermos o corpo” (COUTO, 2009, p. 14).

A vida, portanto, segue depois da morte por meio do aprendizado e da linguagem que utilizamos enquanto vivos; são esses os aspectos da vida que fazem com que se atinja o *eterno*. Se houve ausência de compreensão de que a vida é transitória, não se estará “educado” o suficiente para viver na plenitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o *efêmero* em Mia Couto revela-se um tópico importante para a discussão da poesia, por ser um elemento recorrente em obras poéticas em geral. Além do mais, trava-se contato com metáforas, versos e outras formas de manifestação das imagens cuja beleza e profundidade encantam o leitor no tocante ao tratamento da efemeridade. Problematizar a condição da própria experiência de viver é uma das muitas possibilidades sobre as quais a poesia versa.

Nota-se, na poesia de Mia Couto, que o *efêmero* constitui-se em um elemento importante ao tratar, em especial, da morte. Percebe-se essa ocorrência tanto na poesia quanto na prosa. No caso da prosa, por exemplo, é possível citar *Terra sonâmbula* (1992), *O outro pé da sereia* (2006) e *Mulheres de cinza* (2015), primeiro livro da trilogia “Areias do imperador”. No caso de *O outro pé da sereia*, a metáfora é trabalhada por meio da narrativa da deusa das águas, o que confere semelhança a uma das metáforas tão utilizadas pelo autor em sua obra poética ao tratar do *efêmero*.

Na poesia, por sua vez, a morte como metáfora do *efêmero* é um traço constante, embora não exclusivo. A água, a noite e outros elementos da natureza, como as árvores e as aves, também são elementos que compõem a discussão da efemeridade na poética do escritor. O poeta trata, na obra *Raiz de orvalho e outros poemas* (1999), de questões que refletem uma crítica sociopolítica e histórica de Moçambique, a partir da discussão do *efêmero*. O fato de dialogar

sobre a luta e a esperança de um novo Moçambique trava uma discussão sobre a transitoriedade da vida ou do próprio ser humano.

A constituição da identidade do sujeito poético para o escritor ocorre a partir da percepção de que é impossível ser apenas e sempre o mesmo, uma vez que o ser humano é impermanente e a mudança, então, é inevitável. Assim como os acontecimentos da vida, não se têm controle sobre os sentimentos, emoções e dores que compõem a personalidade de cada ser humano e que fazem, portanto, que se esteja em constante mudança. Para o poeta, confere-se o diálogo com o *efêmero* por meio das metáforas desses acontecimentos da vida. A percepção de que tudo muda é o que faz com que se consiga viver em harmonia, aceitando a morte e encontrando-se, então, na plenitude, no *eterno*.

Mia Couto: the thinkerer

Abstract

This paper contemplates a trajectory of the Mozambican writer Mia Couto, the historical aspects that he has dissected and uses as reference for his works of poetry, as a colonization of his country and the use of the Portuguese language, and as metaphors chosen to deal with elements of life and death, in order to understand the ephemeral. The chore of reading, discording over the nuances of the genre of poetry in relation to its importance is not only an African country, but in its breadth. It will be used authors such as Bosi (2004), Rios (2007), Leite (2013), and Eliade (2013) to discuss these issues.

Keywords

Mia Couto. Poetry. Ephemeral.

REFERÊNCIAS

- BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CARVALHO, S. C. *Narrativas da ancestralidade: o mito feminino das águas em Mia Couto*. Curitiba: Appris, 2015.
- CASTELLO, J. A palavra e a semente. In: COUTO, M. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 11-22.

- COUTO, M. Nas pegadas de Rosa. *Scripta*, v. 2, n. 3, p. 11-13, 1998.
- COUTO, M. *Pensatempos* – textos de opinião. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2005.
- COUTO, M. *Raiz de orvalho e outros poemas*. Caminho: Lisboa, 2009.
- COUTO, M. Do que são feitas as pessoas. Porto Alegre, RS, Brasil: *Fronteiras do Pensamento*. Gravado em 11 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=90GF6Y7H4os>>. Acesso em: 7 fev. 2017.
- COUTO, M. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FENSKE, E. K. Mia Couto – Poemas. *Templo Cultural Delfos*, maio 2015. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2015/05/mia-couto-poemas.html>>. Acesso em: 14 abr. 2017.
- HANNA, V. L. H. Pós-colonialismo e o desafio das fronteiras midiáticas: as intervenções de Mia Couto, diálogos verbais e escritos. In: MARTINS, M. L. (Coord.). *Lusofonia e interculturalidade: promessa e travessia*. Porto: Universidade do Minho/Húmus, 2015. p. 485-502.
- LEITE, A. M. (Org.). *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Edições Colibri, 2013.
- MELLO, A. M. L.; UTÉZA, F. *Oriente e Ocidente na poesia de Cecília Meireles*. Porto Alegre: Libretos, 2006.
- RIOS, P. *A viagem infinita: estudos sobre Terra sonâmbula*, de Mia Couto. Recife: Editora UFPE, 2007.